

**DOSSIÊ****Comunidade indígena Balatiponé-Umutina:  
uma experiência intercultural no Museu Casa Borges****Comunidad indígena Balatiponé-Umutina:  
una experiencia intercultural en el Museo Casa Borges****Balatiponé-Umutina indigenous community:  
an intercultural experience at the Casa Borges Museum**

João Mário de Arruda Adrião<sup>1</sup>  
Helena Cunha de Uzeda<sup>2</sup>

**DOI** 10.26512/museologia.v14i27.56263

**Resumo**

Este artigo analisa o processo e os resultados da realização de uma exposição etnográfica no Museu Casa Borges no ano de 2019, pequeno museu na cidade de Barra do Bugres, interior do estado de Mato Grosso. A exposição apresenta a trajetória do povo originário Balatiponé-Umutina, desde o contato com os não-indígenas até os dias atuais. A exposição foi idealizada e realizada por seus representantes, que propuseram o tema da exposição: Passado, Presente e Futuro, sendo apresentada por meio de fotografias, painéis e objetos, resultando num material que, após o término da exposição, foi enviado para a escola da aldeia, Escola Estadual Julá Paré, para ser exposto numa de suas salas. Por meio de observação assistemática participante, como membro do projeto de extensão integrado ao Museu Casa Borges, foi estruturado este artigo como forma de registro da utilização do museu enquanto meio de expressão pelas comunidades locais.

**Palavras-chave**

Museologia; povos originários brasileiros; Balatiponé-Umutina; Museu Casa Borges; Barra do Bugres.

<sup>1</sup> Professor no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, lotado no campus de Barra do Bugres, MT. Doutorado em Museologia e Patrimônio no PPG-PMUS - Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO/MAST (2025). Mestrado em Engenharia de Edificações e Ambiental pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2011). Especialização em Didática do Ensino Superior pela Universidade de Cuiabá - UNIC (2010). Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (1985). Leciona disciplinas nas áreas de projeto arquitetônico, patrimônio, expressão gráfica, além de desenvolver projetos de extensão na área de arquitetura em comunidades indígenas e remanescentes de quilombos no município de Barra do Bugres-MT; e na área de patrimônio cultural e educação patrimonial no Museu Casa Borges, no mesmo município.

<sup>2</sup> Museóloga pela Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO); Doutorada em Artes Visuais e Mestrado em História e Crítica da Arte (ambos pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV, da EBA/UFRJ). Professora Associada 4 da Escola de Museologia da UNIRIO. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Museologia e Patrimônio PPG-PMUS (UNIRIO - MAST) e Coordenadora do Laboratório de Desenvolvimento de Exposições (LADEX / UNIRIO); Membro do ICTOP - Comitê Internacional de Formação de Pessoal para Museus do International Council of Museums (ICOM). Coordena Projeto de Cultura (Extensão POREXC UNIRIO) que alimenta o Sistema de Gerenciamento de Acervos Museológicos (SISGAM) com o acervo do Museu da História e da Cultura Afro- Brasileira (MUHCAB) em parceria com a Gerência de Museus da Prefeitura do Rio de Janeiro. Faz parte do Grupo de Pesquisa Museologia e Patrimônio do PPG-PMUS; sendo coordenadora do Projeto de Pesquisa "Design de Exposições" integrando Graduação em Museologia e Pós- Graduação em Museologia e Patrimônio.

## Resumen

Este artículo analiza el proceso y resultados de la realización de una exposición etnográfica en el Museo Casa Borges en 2019, un pequeño museo en la ciudad de Barra do Bugres, en el interior del estado de Mato Grosso. La exposición presenta la trayectoria del pueblo originario Balatiponé-Umutina, desde el contacto con pueblos no indígenas hasta la actualidad. La exposición fue diseñada y realizada por sus representantes, quienes propusieron la temática de la exposición: Pasado, Presente y Futuro, siendo presentada a través de fotografías, paneles y objetos, dando como resultado material que, una vez finalizada la exposición, fue enviado a la escuela de la localidad, la Escuela Estatal Julá Paré, que se expondrá en una de sus salas. A través de la observación participante no sistemática, como miembro del proyecto de extensión integrado al Museo Casa Borges, este artículo se estructuró como una forma de registrar el uso del museo como medio de expresión por parte de las comunidades locales.

## Palabras clave

Museología; pueblos originarios brasileños; Balatiponé-Umutina; Museo Casa Borges; Barra do Bugres.

## Abstract

This article analyzes the process and results of holding an ethnographic exhibition at the Casa Borges Museum in 2019, a small museum in the city of Barra do Bugres, in the interior of the state of Mato Grosso. The exhibition presents the trajectory of the original Balatiponé-Umutina people, from contact with non-indigenous people to the present day. The exhibition was designed and carried out by its representatives, who proposed the theme of the exhibition: Past, Present and Future, being presented through photographs, panels and objects, resulting in material that, after the end of the exhibition, was sent to the school of the village, Julá Paré State School, to be displayed in one of its rooms. Through unsystematic participant observation, as a member of the extension project integrated into the Casa Borges Museum, this article was structured as a way of recording the use of the museum as a means of expression by local communities.

## Keywords

Museology; Brazilian original peoples; Balatiponé-Umutina; Casa Borges Museum; Barra do Bugres.

## Introdução

O Museu Casa Borges (MuCB) surgiu da iniciativa de professores, historiadores, artistas e artesãos do município de Barra do Bugres, inicialmente institucionalizado através de um projeto de extensão, em parceria entre a Universidade do Estado de Mato Grosso e o Departamento de Cultura do município. Instalado em uma casa histórica, que é patrimônio cultural da cidade, o MuCB teve sua primeira atividade realizada em julho de 2018. Desde então, ocorreram diversas ações culturais, entre elas, a exposição “Balatiponé-Umutina: Passado, Presente, Futuro”, que conta a trajetória deste povo, suas lutas e anseios.

O museu como espaço de inclusão, envolvendo as comunidades em “propostas e realizações de uma prática museológica voltada para o social” (Scheiner, 2012: 16), deve estar comprometido com o conceito de “Museu Integral” que, como defende a professora Tereza Scheiner<sup>3</sup>, vai além da questão da musealização do território, dos patrimônios, da própria comunidade onde o museu está inserido, referindo-se, principalmente, à questão do museu “estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória - e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais” (Scheiner, 2012: 19), ou seja, a relação desse museu com as comunidades do entorno.

<sup>3</sup> Tereza Scheiner é museóloga, doutora em Comunicação. É professora no Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio na Unirio, com vasta experiência e envolvimento no Conselho Internacional de Museus – ICOM, participou da criação do Comitê Internacional de Museologia para a América Latina e Caribe - ICOFOM LAM, do qual é Consultora Permanente.

Comunidade indígena Balatiponé-Umutina:  
uma experiência intercultural no Museu Casa Borges

Discutindo as práticas educativas em “museus e os modos de educar para a liberdade”, a professora Maria Amélia Reis<sup>4</sup> destaca a importância de propostas “[...] para uma educação e para uma Museologia com base na história das populações, de suas culturas e seus pensamentos originais, singulares e plurais, capazes de favorecer encontros com os diferentes e convivências libertadoras” (Reis, 2021: 146), práticas essas que foram adotadas nesse pequeno museu municipal.

Durante os anos de 2020 e 2021, o MuCB – impedido de realizar as ações presenciais por causa da pandemia Covid-19 – passou a publicar em seu site<sup>5</sup> exposições virtuais, sendo uma dessas publicações, o resultado dessa exposição Balatiponé-Umutina, que havia sido realizada presencialmente em 2019. Sempre contando com a participação de alunos bolsistas e voluntários da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), do campus Barra do Bugres, a exposição teve como público alvo estudantes das escolas do município, seus professores e familiares.

A Universidade do Estado de Mato Grosso conta, desde 2001, com a Faculdade Indígena Intercultural – Faindi, que oferta um “curso de Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas”, desenvolvendo a produção de “livros para apoio didático nas escolas indígenas de Mato Grosso” (Faindi, 2022), além de cursos de especialização em Educação Escolar Indígena, ligado ao curso de Enfermagem Intercultural Indígena, desde 2023, e Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, aprovado em 2019, promovendo a interação da comunidade local com indígenas de todo o estado, que vêm de suas cidades ou de suas aldeias originais para assistir às aulas ministradas no campus de Barra do Bugres, participando, com suas turmas, de eventos realizados no museu.

### O povo Balatiponé-Umutina

O povo Umutina, autodenominado “Balatiponé” – gente nova (ISA, 2020), vive, desde tempos imemoriais, às margens do rio Paraguai, na região entre a foz dos rios Sepotuba e Bugres, onde hoje se localiza o município de Barra do Bugres. A partir da década de 1870, com a chegada de exploradores, oriundos de Cáceres e de outras regiões de Mato Grosso, subindo o rio Paraguai em busca da poaia<sup>6</sup> e de outras riquezas, como madeiras de cedro, mogno e seringais nativos, então, abundantes na região, o povo indígena foi sendo expulso de seu território original ou mortos covardemente, chegando quase à extinção, restando apenas 23 sobreviventes, que permaneceram na mata, próximo ao local onde hoje se encontra a aldeia Massepô, às margens do rio Paraguai (Schultz, 1953; Corezomaé, 2017).

Na década de 1920, com o objetivo de “pacificar” indígenas que habitavam aquelas regiões por onde passariam as linhas telegráficas da Comissão Rondon, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) implantava sua política de aldeamento, procurando atrair grupos indígenas considerados violentos, especificamente os Balatiponé-Umutina, que lutavam para defender suas terras. Mais tarde, já na década de 1940, foi construído o denominado “Posto Fraternidade Indígena”, um conjunto de edificações composto por “casa do chefe de Posto, escola, farmácia e doze casas para moradia” dos tra-

4 Maria Amélia Reis é doutora em Educação, professora no Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. É pesquisadora do Centro Interdisciplinar do Século XX - CEIS 20 da Universidade de Coimbra.

5 Site do Museu Casa Borges: <https://museucasaborges.wordpress.com/>

6 A poaia (*Cephaelis ipecacuanha*), também chamada de Ipeca é uma planta de uso medicinal, cujas raízes são ricas em emetina e cefalina, alcaloides muito utilizados na indústria farmacêutica (Lameira, 2002). Fez parte do primeiro ciclo econômico de Barra do Bugres, por seu grande valor. Atualmente a ipeca está em risco de extinção, e sua coleta é proibida.

lhadores do SPI (Corezomaé, 2017, p.18), entre os rios Bugres e Paraguai, local onde é hoje a aldeia Central Umutina (Schultz, 1953; Arruda, 2003; Corezomaé, 2017; ISA, 2020).

Os Balatiponé-Umutina vivem hoje em seu território de 28.000 hectares, cuja propriedade foi homologada em 1989, que fica localizado à margem direita do rio Paraguai, na confluência com o rio Bugres, no município de Barra do Bugres, Mato Grosso, distante cerca de 15 km da área urbana da sede do município. Até 2019, a reserva Umutina contava com cerca de 520 moradores, distribuídos por nove aldeias (Mato Grosso, 2000; Machado, 2008; ISA, 2020).

Segundo Antônio João de Jesus<sup>7</sup>, em seu artigo sobre o povo Umutina, no Dossiê Índios do Brasil (Jesus, 1987: 73), o primeiro contato do povo Balatiponé-Umutina com não-indígenas ocorreu ainda no século XVIII. Porém, a chegada dos exploradores da poaia no final do século XIX e, mais tarde, a instalação das linhas telegráficas pela ‘Comissão Rondon’, a partir de 1912, causaram mudanças mais drásticas para o povo indígena (Jesus, 1987; Machado, 2008; IBGE, 2017). Após anos de exploração e violência, poucos representantes da etnia sobreviveram. Com a criação do Posto Fraternidade, local onde foi, posteriormente, instalada a Terra Indígena Balatiponé-Umutina, o Serviço de Proteção ao Índio – SPI, atual Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI, ordenou a vinda de pessoas de outros povos, como Nambikwara, Paresí e Bororo, para viver no território, já que a população Balatiponé-Umutina era muito reduzida. Com a chegada dessas pessoas de outras origens, com culturas, hábitos e, principalmente, línguas diferentes, esses indivíduos começam a se comunicar em um idioma comum: português, marcando o início do enfraquecimento de suas culturas próprias, com a perda quase total de suas línguas maternas.

Assim como muitos dos povos indígenas, os Balatiponé-Umutina sofreram grande discriminação e violência, o que fez com que evitassem expor sua origem indígena por um longo período de tempo. Somente no início dos anos 2000, por iniciativa de um grupo de jovens, entre os quais Cleomar Tan Huare<sup>8</sup>, Helena Corezomaé<sup>9</sup>, e de professores da escola local, jovens e crianças de origem indígena foram incentivados a iniciar uma pesquisa, junto aos anciãos, visando maior conhecimento sobre a cultura de seus antepassados. Buscando informações em relatos de pesquisadores, fotografias antigas, pesquisa em acervos etnográficos de museus, como o Museu do Índio do Rio de Janeiro, atual Museu Nacional dos Povos Indígenas, os jovens reaprenderam saberes tradicionais, como danças, rituais, grafismos, assim como a confecção de objetos, entre os quais o cocar horizontal, conhecido como bodô, que foi tema de pesquisa de graduação do próprio Cleomar Tan Huare, testemunha desse processo de revitalização da cultura de seu povo, fazendo com que os jovens passarem a ter orgulho de ser Umutina. O jovem Tan Huare, quando esteve imerso no acervo do então Museu do Índio, observou o trançado, os nós, os recortes e os materiais utilizados – penas, fibras, cera, aprendendo e depois ensinando a confecção dos cocares aos demais, técnica que hoje é dominada por muitos do grupo. A existência desses objetos etnográficos musealizados fundamentou sua pesquisa, possibilitando o início da revitalização de elementos da cultura Balatiponé-Umutina que haviam deixado de ser praticados (Tan Huare, 2016; Corezomaé, 2021).

<sup>7</sup> Antônio João é Técnico Indigenista, tendo atuado no Museu Rondon/UFMT, e na Fundação Nacional do Índio/FUNAI como administrador, entre outras, da Terra Indígena Balatiponé-Umutina.

<sup>8</sup> Cleomar Tan Huare é artista e artesão, professor na E. E. Julá Paré, graduado em Licenciatura Intercultural Indígena (2016), pela Unemat, com pesquisa em Arte Plumária Umutina.

<sup>9</sup> Helena Indiara Ferreira Corezomaé é jornalista, graduada pela UFMT (2015); com mestrado em Antropologia Social pela mesma universidade (2018); atua como assessora de comunicação do Instituto Catitu, tendo se dedicado à militância em prol dos povos indígenas. Disponível em: <https://institutocatitu.org.br/instituto/> Acesso em 02 ago. 2024.

Comunidade indígena Balatiponé-Umutina:  
uma experiência intercultural no Museu Casa Borges

Conscientes da importância da preservação e divulgação de sua cultura, os Balatiponé-Umutina desenvolvem atualmente, em suas aldeias, projetos de etnoturismo e ecoturismo, eventos culturais que atraem estudantes e outros interessados, para intercâmbio cultural, como caminhadas e passeios de bicicleta entre aldeias, apresentação de danças, jogos indígenas, tiro com arco e flecha, exposição e venda de artesanatos, atividades que são divulgadas em página na internet<sup>10</sup>.

## Abertura de novas aldeias

No início havia somente a aldeia Umutina. Com o passar dos anos e com o aumento populacional da comunidade, muitas famílias resolveram ocupar outras áreas do território, abrindo novas aldeias e construindo novas moradas. Atualmente, o território indígena Balatiponé-Umutina conta com 16 aldeias, entre elas, algumas já documentadas e registradas; outras, ainda em processo de registro. A aldeia Umutina é chamada atualmente de Aldeia Central Umutina, sendo um local importante, onde ocorrem os grandes encontros com todos os membros do território, para realização de reuniões gerais sobre assuntos relevantes ao povo Balatiponé-Umutina (MuCB, 2020).

Um dos temas apresentados na exposição realizada no MuCB, em 2019, foi “Projetando o Futuro: Novas aldeias, novos locais de moradia”, que relatava que “uma das maiores preocupações das lideranças tem sido a ocupação e a proteção territorial, bem como a sustentabilidade econômica. A partir desse entendimento, muitas aldeias foram criadas”. O texto listava seis aldeias consolidadas, além da Aldeia Central, e nove aldeias novas, ainda em processo de abertura (E. E. Julá Paré, 2019a).

## A exposição: preparação

O Museu Casa Borges, desde seu início buscou seu perfil de museu inclusivo, envolvendo-se com as comunidades locais, dando espaço para artistas e artesãos, estudantes, assim como moradores da região. A partir de contato com professoras e professores da Escola Estadual Julá Paré, de ensino fundamental e médio, localizada na aldeia central Balatiponé-Umutina, surgiu a proposta de se realizar uma exposição sobre a história daquele povo. Toda a concepção da história e curadoria foi feita por membros da comunidade indígena ligados à escola, especialmente, o professor Márcio Monzilar Corezomaé, coordenador pedagógico, e a bibliotecária da escola, Tainara Toriká Kiri de Castro. Contar a história de um povo é uma grande responsabilidade, sendo um “desafio conhecer, guardar, conservar e divulgar coleções de objetos indígenas” (Garcés, Karipuna, 2021: 102).

Nas primeiras reuniões entre as equipes do museu e da Escola Julá Paré foram discutidas as ideias do que seria possível realizar no museu, momento em que foram feitas as primeiras propostas sobre o tema geral da exposição, que visava abordar histórias do passado, do presente e do futuro daquele povo.

A exposição apresentava a trajetória do povo Balatiponé-Umutina, desde o contato com os não-indígenas até os dias atuais. A partir da ideia de realização da exposição, foram promovidas reuniões com lideranças indígenas daquela comunidade, especialmente, professores da Escola Julá Paré, em que foram propostos o título e o tema da exposição: Passado, Presente e Futuro, que foi sugerido pelos professores, tendo sido definido também um roteiro sobre qual a narrativa a ser contada. A partir do rascunho do conteúdo da exposição, que foi dividida em três etapas, foi organizado o material que seria possível apresentar na exposição: uma grande quantidade de fotogra-

10 Balatiponé Etnoturismo: <https://balatipone.com.br/>

fias, produzidas tanto pela equipe do museu como pela própria comunidade indígena; painéis de apresentação para cada fase da exposição, com textos produzidos pelos professores da Escola Julá Paré; além de objetos cedidos pela escola, por moradores e acervos pessoais de professores e de membros do projeto, resultando num material que, após o término da exposição, foi enviado para a escola da aldeia para ser exposto numa de suas salas.

As quatro salas do museu foram ocupadas com temas relacionados aos períodos. Na primeira sala era contada a história do contato com os não-indígenas, desde quando habitavam toda a região entre a foz do rio Sepotuba e a foz do rio Bugres, onde hoje se encontram a Terra Umutina – um tema sensível, que fizeram questão de abordar. Quiseram contar também sobre os conflitos relacionados aos exploradores das riquezas naturais de sua terra, as ervas medicinais, as madeiras, a borracha e, também, sobre a passagem da comissão do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon e a criação do Posto Fraternidade, local onde hoje se encontra aldeia central da Terra Indígena Balatiponé-Umutina. Na Segunda sala foram expostos instrumentos musicais, arcos e flechas, objetos utilizados em seus rituais e um grande número de fotografias relacionadas ao patrimônio material e imaterial. A terceira sala apresentou painéis, fotografias, livros e outros materiais relacionados às atividades educativas da Escola Julá Paré, dando ênfase às atividades curriculares voltadas para a valorização e preservação da cultura tradicional – atividades como danças, confecção de artefatos, agricultura tradicional, pesca com timbó, que são algumas das atividades presentes na parte diversificada do currículo escolar, que visam “estimular o sentimento de pertencimento e a reafirmação da identidade étnica e a valorização do espaço territorial” (Monzilar, 2023)<sup>11</sup>. A quarta e última sala apresentou objetos e fotografias trazidos pelos próprios moradores das várias aldeias, além de material relacionado aos jovens e às crianças, as novas gerações que representam o futuro desse povo. Também foi apresentada uma mostra de vídeos editados a partir de filmes antigos e atuais sobre a etnia (Quadro 1).

Durante a exposição, membros da comunidade, alunos e professores da escola, foram convidados a receber os visitantes, promovendo na área externa do museu algumas atividades, como tiro com arco e flecha, danças tradicionais, música e pintura corporal, momentos de integração dos Balatiponé-Umutina com a comunidade local, contribuindo para uma quebra de preconceitos.

Quadro 1: Conteúdo da exposição “Balatiponé-Umutina: Passado, Presente, Futuro”

SALA		TEMA	OBJETIVO	MATERIAL
I	PASSADO	A História do contato/ Marechal Rondon	Contar a história do contato, desde quando os Umutina habitavam a foz do rio Sepotuba, os conflitos relacionados ao contato, e as intervenções realizadas pelo Marechal Rondon	Textos elaborados pelos professores e impresso em painel; Quadro e objetos relacionados ao Marechal Rondon; Mapa da ocupação da foz do rio Sepotuba e migração para a área atual; Fotos antigas e atuais do casarão Rondon; Reprodução das Imagens existentes no interior do casarão; Fotos antigas dos Umutina.

<sup>11</sup> Eliane Boroponepa Monzilar é indígena do povo Balatiponé-Umutina. Mora na aldeia Boropo, no Território Indígena Umutina, no Mato Grosso. Licenciada em ciências sociais, tem especialização em educação escolar indígena. É mestre em desenvolvimento sustentável e doutora em antropologia social.

Comunidade indígena Balatiponé-Umutina:  
uma experiência intercultural no Museu Casa Borges

2	PRESENTE	Arte Material	Apresentar objetos, instrumentos, indumentária, utilizados nos rituais e atividades da comunidade.	Texto sobre o tema Desenhos das pinturas corporais Objeto arqueológico – panela Instrumentos, artefatos, indumentária, objetos cedidos pela comunidade.
3		A escola Julá Paré	Apresentar a história da escola desde sua criação até as atividades da escola atual, e sua importância na preservação e valorização da cultura Umutina.	Texto sobre as atividades da escola Banners referentes a atividades desenvolvidas Fotos Atividades produzidas pelos alunos.
4	FUTURO	Novas Aldeias	Descrever a criação de novas aldeias, apresentadas a partir de material selecionado por moradores de cada aldeia.	Texto sobre o processo de criação de novas aldeias Mapa da Terra Indígena com a localização das aldeias Fotos, objetos, atividades, produzidos por cada aldeia.
Outras atividades realizadas				
		Vídeos	Apresentação de vídeos	Vídeos antigos e atuais sobre a etnia.
		Atividades	Estimular a relação entre alunos das escolas da cidade e o povo Umutina	Tiro com arco e flecha, apresentação de danças tradicionais, música, pintura corporal.
		Exposição e venda de artesanato	Venda de artesanato	Artesanato produzido pela comunidade

Fonte: Dados dos relatórios do MuCB organizados pelos autores, 2022.

A Escola Julá Paré e a comunidade indígena tiveram como atribuição as funções de curadoria, elaboração dos textos, seleção de fotografias e objetos, orientação na seleção das peças e montagem da exposição, identificação dos objetos expostos, e solicitação de material às aldeias. Enquanto a equipe do MuCB sugeriu a expografia e cuidou da produção gráfica, divulgação, transporte dos representantes Balatiponé-Umutina da aldeia até o museu, entre outras funções de produção.

Ao definir o conteúdo a ser apresentado na exposição, uma decisão difícil foi tomada pela equipe da Escola Julá Paré: abordar um dos assuntos mais tristes de sua existência, ocorridos durante os anos do contato:

Em 1911, estavam sendo instalados na região os ramais de telégrafos ligando a capital, o interior e outros estados. Esse empreendimento era comandado pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Como os Balatiponé-Umutina tornaram-se um empecilho para a realização das obras, Rondon e sua equipe elaboraram planos para a sua “pacificação” (E. E. Julá Paré, 2019b).

O povo Balatiponé foi mantido em aldeias fora do traçado das linhas telegráficas, no entanto, o contato com funcionários do Serviço de Proteção ao Índio acabou causando a “transmissão de doenças, principalmente, sarampo e pneumonia” que levou a uma drástica diminuição do número de pessoas daquele povo, que permaneceu isolado até a ocupação, junto com outros povos, do “Posto Fraternidade Umutina, construído na década de 1930 em diante, onde hoje é a atual aldeia Umutina” (E. E. Julá Paré, 2019b).

## A exposição Balatiponé-Umutina: Passado, Presente, Futuro

A exposição de objetos relacionados à cultura Balatiponé, patrimônio da cultura daquele povo, trouxe grande visibilidade ao Museu Casa Borges. As atividades promovidas pelos jovens Balatiponé-Umutina atraíram a curiosidade dos alunos visitantes, contribuindo para a divulgação e maior participação das escolas (Fig. 01).

Figura 01: Jovens Balatiponé ensinando tiro com arco para as crianças da Escola Municipal Herculano Borges, no quintal do Museu Casa Borges.



Fonte: Museu Casa Borges, 2019. Fotografia de João Mário Adrião, editada pelos autores.

Em relação ao termo “patrimônio”, sua definição vai além daquilo que um pequeno grupo considera como tal; importando mais o valor que o objeto, ou coisa, tem para uma determinada comunidade (Borges; Campos, 2012: 116).

Durante a exposição, pôde-se perceber a sensação de pertencimento dos jovens Balatiponé-Umutina, momentos ímpares, que demonstraram a importância daquele espaço expositivo como lugar de manifestação e de poder das comunidades que ali expõe suas histórias. O patrimônio que se estabelece quando alguém recebe aquilo que é transmitido, no caso, pela exposição do museu (Chagas, 2016: 146). Um cocar exposto no museu pode representar para um não-indígena apenas um objeto admirado pela questão estética, já para um membro daquela etnia o cocar possui determinados significados que vão muito além do material e do objeto em si. Tornam-se, como lembram as pesquisadoras do Museu Goeldi, “objetos indígenas que são mais do que objetos” (Garcés; Karipuna, 2021). O rapaz Umutina, que visita o museu pela primeira vez, sente-se à vontade para tocar no cocar, vesti-lo e tirar uma selfie, num gesto que demonstra o envolvimento e apropriação ao projeto do Museu (Fig. 02).

Comunidade indígena Balatiponé-Umutina:  
uma experiência intercultural no Museu Casa Borges

Figura 02: o rapaz Balatiponé veste um cocar em exposição.



Fonte: Acervo Museu Casa Borges, 2019. Fotografia de João Mário Adrião.

Essa confluência dos povos indígenas aos museus, trazendo “novos questionamentos e desafios às pesquisas antropológicas e etnológicas e às ações museológicas”, muito além de ser apenas objeto de pesquisa e de divulgação da cultura, é lugar de encontros e descobertas da própria comunidade (Garcés; Karipuna, 2021: 106).

### **Curadoria Intercultural**

Desde a primeira ideia de realização desta exposição sobre a cultura Balatiponé-Umutina era clara a importância da participação da comunidade indígena desde a concepção até a organização e recepção durante o evento. O artigo “Curadorias do Invisível”, das pesquisadoras do Museu Emílio Goeldi Claudia López Garcés e Suzana Primo dos Santos Karipuna, que trata da implementação da curadoria intercultural naquele museu diz que:

Nos museus etnográficos e nos campos de conhecimento da museologia e da antropologia, muito se tem avançado com o reconhecimento da importância da participação dos povos indígenas nos processos curoriais de documentação, registro, conservação, gestão e comunicação de coleções etnográficas [...] repensar e redefinir o papel dos museus e o ato de colecionar objetos de diversas sociedades (Garcés; Karipuna, 2021: 105).

O convite à bibliotecária Tainara Toriká Kiri, membro do povo Umutina, feito inicialmente em função de seu maior conhecimento sobre a cultura daquele povo, das pessoas envolvidas, além de sua formação – o que traria mais

profissionalismo às atividades de catalogação e identificação do material a ser selecionado para a exposição – foi muito além disso, formando uma “ponte” entre a Universidade e o povo Balatiponé-Umutina, mais especificamente os professores e alunos da Escola Julá Paré, que passam a ver o Museu como uma ferramenta de divulgação cultural e afirmação social.

## Exposição virtual

179

Com a impossibilidade de dar continuidade às exposições, pela necessidade de isolamento imposta pela pandemia de Covid 19, a partir de março de 2020, foi criado um site<sup>12</sup>, onde foi publicado material referente a quatro exposições realizadas no Museu Casa Borges: “Mulheres”, com fotografias e trechos de entrevistas com vinte e cinco mulheres de Barra do Bugres, atuantes em diversas áreas, exposição que foi concebida para comemoração ao mês da mulher, e que não pôde ser realizada presencialmente; “Barra do Bugres: Natureza, História, Cultura”, uma seleção de fotografias de Barra do Bugres de diversos autores, profissionais e amadores; “Comunidades quilombolas de Barra do Bugres: Memórias, saberes e fazeress” com fotografias, textos e entrevistas, a partir de trabalhos publicados por professoras da Escola José Mariano Bento, na comunidade Baixio, e colaboração de diversos membros das comunidades remanescentes quilombolas existentes ao longo do rio Jauquara; e a exposição “Povo Balatiponé-Umutina: Passado, Presente, Futuro”, reunindo o material da exposição presencial de 2019. O MuCB abre, assim, seus espaços para serem ocupados pelas próprias comunidades que neles podem contar suas histórias.

## Resultados

### O acervo do povo Balatiponé-Umutina

A exposição teve participação significativa de professores e alunos da Escola Julá Paré, instituição de ensino da aldeia Umutina, com 5 professores e 30 alunos, além de 6 outros membros da comunidade, participando da organização e durante o evento, recebendo os visitantes e apresentando atividades culturais que ocorreram paralelas à exposição.

Em cinco dias de exposição, contamos com a visitação de 814 pessoas, que assinaram o livro de presença, sendo 739 estudantes de 13 instituições de ensino do município, atingindo, assim, um de nossos objetivos, qual seja, apresentar a história e cultura Balatiponé-Umutina para professores, crianças e jovens não-indígenas das escolas do município, quebrando preconceitos em relação a uma comunidade pouco conhecida, apesar de tão próxima geograficamente – apenas o rio Bugres separa a área urbana e a Terra Indígena.

Ao final da exposição, cerca de cem fotografias<sup>13</sup> e cinco painéis com textos produzidos pelos professores da Escola Julá Paré foram entregues à escola da aldeia Umutina para serem expostos na biblioteca da aldeia. A proposta é criar um espaço expositivo de interação entre comunidade e visitantes daquela localidade.

Outro desdobramento da relação entre o MuCB e o povo Balatiponé-Umutina foi a realização, durante os meses de agosto e setembro de 2022, de uma exposição de artefatos indígenas do acervo da Faindi/Unemat, na qual uma

12 Site do Museu Casa Borges: <https://museucasaborges.wordpress.com/>

13 97 fotos impressas tamanho A3 e 7 fotos impressas tamanho A1

Comunidade indígena Balatiponé-Umutina:  
uma experiência intercultural no Museu Casa Borges  
das salas do Museu foi destinada a uma exposição de cerâmicas dos Balatiponé-Umutina, espaço solicitado por membros da própria comunidade, demonstrando a confiança e valorização daquele espaço museológico como canal de protagonismo dos povos indígenas de Mato Grosso.

Recentemente, uma edificação da década de 1940, antiga moradia dos chefes do Posto Fraternidade, cuja função foi extinta, localizada junto ao pátio central da aldeia Umutina, foi restaurada por iniciativa do jovem Balatiponé Isaac Amajunepá, com apoio da Secretaria Estadual de Cultura de Mato Grosso, com o objetivo de no local ser implementado um espaço museológico específico para o Povo Balatiponé-Umutina.

## Referências

ARRUDA, Lucybeth Camargo de. *Posto Fraternidade Indígena: estratégias de civilização e táticas de resistência (1913-1945)*. 2003. 162f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

BORGES, Luiz C., CAMPOS, Marcio D'Olne. Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil. In: *Termos e conceitos da museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral*. ICO-FOM LAM, 2012.

CHAGAS, Mário. Patrimônio é o caminho das formigas. In: Maurício Barros de Castro; Myrian Sepúlveda dos Santos. (Org.). *Relações Raciais e Políticas de Patrimônio*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2016, v. 1, p. 141-166. Disponível em: <https://mariochagas.com/wp-content/uploads/2020/12/52caminhodasformigas.pdf> Acesso em: 21. nov. 2024.

COREZOMAÉ, Helena Indiara Ferreira. Grupo Teatral Nação Nativa, intérpretes de sua própria história. In: *Teatro e os Povos Indígenas: janelas abertas para a possibilidade*. 167 p.: il. Naine Terena e Andreia Duarte (Org.). NI edições. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://tepi.digital/teatro-e-os-povos-indigenas-janelas-abertas-para-a-possibilidade/> Acesso em 16. dez. 2022.

COREZOMAÉ, Márcio Monzilar. Narrativa de origem do povo indígena Balatiponé-Umutina – Ressignificação e traços de hibridismo. *Revista ECOS*, [S.I.], v. 23, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/2680> Acesso em: 01. nov. 2024

E. E. Julá Paré (a). *Projetando o futuro: Novas aldeias, novos locais de moradia*. Texto produzido por professores da Escola Estadual Julá Paré, aldeia Umutina, Barra do Bugres-MT, para a exposição Povo Balatiponé-Umutina: passado, presente, futuro no Museu Casa Borges, Barra do Bugres-MT, 2019. Não publicado.

E. E. Julá Paré (b). *História de contato do povo indígena Balatiponé-Umutina com a sociedade brasileira*. Texto produzido por professores da Escola Estadual Julá Paré, aldeia Umutina, Barra do Bugres-MT, para a exposição Povo Balatiponé-Umutina: passado, presente, futuro no Museu Casa Borges, Barra do Bugres-MT, 2019. Não publicado.

FAINDI, Faculdade Indígena Intercultural. Histórico. Universidade do Estado de

Mato Grosso. 2022. Disponível em: <http://portal.unemat.br/?pg=site&i=indigena&m=historico>

GARCÉS, Claudia Leonor López; KARIKUNA, Suzana Primo dos Santos. “‘Curadorias do invisível’: conhecimentos indígenas e o acervo etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi”. In: *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 10, n. 19, jan./jun., 2021, p. 101-114.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Histórico de Barra do Bugres. 2017. Disponível em: IBGE | Cidades@ | Mato Grosso | Barra do Bugres | História & Fotos Acesso em 06. jun. 2022.

ISA – Instituto Sócioambiental. *Povos Indígenas no Brasil: Umutina*. Última atualização em 2020. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Umutina> Acesso em: 06. jun. 2022

JESUS, Antônio João. Os Umutina. In: *Dossiê Índios em Mato Grosso*. OPAN, Operação Anchieta; CIMI/MT, Conselho Indigenista Missionário. Cuiabá 1987. P. 72 - 77. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aopan-cimi-1987-indios/Opan\\_Cimi-MT\\_1987\\_DossielIndiosEmMatoGrosso.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aopan-cimi-1987-indios/Opan_Cimi-MT_1987_DossielIndiosEmMatoGrosso.pdf) Acesso em: 21. jun. 2022

LAMEIRA, Osmar Alves. *Cultivo da Ipecacuanha [Psychotria ipecacuanha (Brot.) Stokes]*. Circular Técnica 28. EMBRAPA - Belém, PA Setembro, 2002. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/27896/1/Circ.tec.28.pdf> Acesso em: 01.nov.2022.

MACHADO, Maria Fatima Roberto. Organizadora. *Diversidade Sociocultural em Mato Grosso*. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2008. 144 p; II.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação - SEDUC. *Umutina*. Cuiabá: SEDUC, 2000. 20 p. II.

MONZILAR, Eliane Boroponepa Escola indígena valoriza cultura e território no MT. *DIVERSA/Istituto Rodrigo Mendes*. Publicado em 09/08/2023. Disponível em: <https://diversa.org.br/relatos-de-experiencias/escola-indigena-valoriza-cultura-e-territorio-no-mt/> Acesso em 01.out.2024.

MuCB – Museu Casa Borges. 2020. Disponível em: <https://museucasaborges.wordpress.com/>

REIS, Maria Amélia Gomes de Souza. Museus e os modos de educar para a liberdade: asas ou gaiolas? in: *Museologia & Interdisciplinaridade*. Vol. 10, nº 20, Jul./Dez. de 2021. P. 144-157.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012.

SCHULTZ, Harald. *Vinte e Três índios resistem à civilização*. Ed. Melhoramentos, 1953. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú <http://www.etnolinguistica.org>

TAN HUARE, Cleomar Myahu. *Arte Plumária Umutina: Bodô*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Línguas, Artes e Literatura, apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, Barra do Bugres, MT. 2016. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Mônica Cidele da Cruz

| 82

Recebido em novembro de 2024  
Aprovado em agosto 2025.